



**POR UMA PO-ÉTICA DO GESTO: ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE SUJEITO,
ÉTICA E AS ORIGENS DO HUMANO**

Renata Lisbôa Machado¹

RESUMO: Este trabalho centra-se na reflexão sobre o gesto como oriundo de um movimento espontâneo que brota do eu, do verdadeiro *self* em ação (Winnicott), criando a possibilidade de estabelecer novas relações em torno da subjetividade e da ética na contemporaneidade. Também coloca relevo no conhecimento do gesto como uma questão ética, forjando um campo de pesquisa e de discussão que contempla a expressão do criativo e da poesia. O trabalho pretende, portanto, a partir da análise do poema de Manoel de Barros, tecer os fios de uma trama acerca dos elos entre a poesia, o gesto e a ética, circunscritos ao contexto das origens do humano e da sua relação com o contemporâneo. Essa análise fundamenta-se em uma articulação interdisciplinar entre as teorias de Bachelard, Winnicott e Agamben. Como desdobramento, entendemos que a poética, o gesto, o imaginário e a ética permitem vislumbrar um arranjo em que o homem está no meio.

Palavras-chave: Gesto. Ética. Poesia. Origens do humano.

**BY A GESTURE OF ETHICS-PO: SOME NOTES ON SUBJECT, ETHICS AND
THE ORIGINS OF HUMAN**

ABSTRACT: This work focuses on reflecting on the gesture originated as a spontaneous movement that comes out from the self, the true self in action (Winnicott), creating the possibility of establishing new relationships in the subjectivity and ethics in contemporary times. It also places emphasis on knowledge of gesture as an ethical issue, forging a field of research and discussion which includes the expression of creative and poetry. Therefore, the paper intends to weave the threads of a plot about the links between poetry, gesture and ethics, circumscribed context of human origins and their relationship with the contemporary, since the analysis of the poem by Manoel de Barros. This analysis is based on an interdisciplinary link between the theories of Bachelard, Winnicott and Agamben. As an extension, we believe that the poetic, the gesture, the imaginary and ethics allow us to glimpse an arrangement in which the man is in the middle.

Keywords: Gesture. Ethics. Poetry. Human origins.

¹ Psicóloga. Especialista em Psicologia em Cardiologia pelo Programa de Residência Integrada em Saúde: Cardiologia – ICFUC/RS. Mestre em Psicologia Social e Institucional – UFRGS. Psicoterapeuta com Formação em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica – ITIPOA/RS. Doutoranda em Teoria da Literatura – PUCRS. E-mail: relisboa7@hotmail.com

“As coisas sem importância são bens de poesia”.
Manoel de Barros

INTRODUÇÃO

Há algum tempo o gesto como tema de estudo e do humano vem despertando nosso interesse, em virtude de se tratar de algo que faz pensar acerca do “genuinamente” humano. A importância em torno do gesto, inicialmente, foi sendo concebida a partir da intuição. Junto a isso, a leitura de uma obra importante do psicanalista inglês Donald Winnicott (1896-1971) impulsionou o desejo de aprofundar o assunto.

Em sua obra *O gesto espontâneo* (1952/2005), o psicanalista escreve cartas a seus interlocutores, incluindo figuras relevantes da história da psicanálise como Lacan, Melanie Klein, Bion, entre outros. Na carta a Roger Money-Kyrle, ele assinala: *O gesto espontâneo é o self verdadeiro em ação. Somente o self verdadeiro pode ser criativo e se sentir real* (WINNICOTT, 1952/2005, p. 135).

O ponto de partida da escrita se instaura neste exato instante. Compreender o gesto como oriundo de um movimento espontâneo que brota do eu, do *self verdadeiro em ação*, cria a possibilidade de estabelecer novas relações em torno da subjetividade e da ética na contemporaneidade. Colocar relevo no conhecimento do gesto como uma questão ética remete-nos a forjar um campo de pesquisa e de discussão que contempla a expressão do criativo e da poesia.

Este trabalho pretende, portanto, tecer os fios de uma trama possível acerca dos elos entre a poesia, o gesto e a ética, circunscritos ao contexto das origens do humano e sua relação com o contemporâneo. Para tanto, iremos referenciar nossas ideias em dois pensadores: Gastón Bachelard e Giorgio Agamben.

Todavia, antes de introduzir os autores, gostaríamos de nos munir de agulha e linha para costurar o texto com um assunto pertinente ao tema da ética: o sujeito. Segundo Souza (2010), nas discussões mundiais, aquilo que diz respeito à ética assume um renovado vigor e, devido a isso, fica evidente que a questão da subjetividade re-assume uma posição central, visto que não há ética sem alguém, sem a corporificação de um sujeito que aja.

Nas palavras do filósofo:

Que tipo de sujeito é possível conceber, para que à ação, ao agir, possa ser atribuída à característica central de responsabilidade, de responsividade, às exigências de rigor que se fazem a esta ação e a este agir? É evidente que não um sujeito ao estilo moderno, no usufruto espontâneo de sua congênita liberdade constitutiva e finalmente irresponsável por tudo, a não ser por sua perduração. Há que se pensar em uma nova estrutura de subjetividade (SOUZA, 2010, p. 52).

Isto permite pensar na radical necessidade de se estudar o tema da ética, tendo como pressuposto concebê-la a partir de seu fundamento, de sua raiz, que é o homem. Conforme Souza (2010), a ética se constitui no fundamento da própria possibilidade de pensar o humano. “Pois a própria ideia de pensar pressupõe a ética” (SOUZA, 2010, p. 61).

Sobre isso, Vásquez (1984) trata com profundidade. Ao discorrer acerca do campo da ética, o pensador nos diz que a mesma é teoria, investigação ou explicação de um tipo de experiência humana, ou forma de comportamento dos homens: o que é próprio da moral, porém, considerado em sua totalidade, diversidade e variedade.

Ao problematizar o presente tema, entendemos ser pertinente trazer ao texto a relação entre ética, acontecimento e humano:

Al igual que otras ciencias, la ética se enfrenta a hechos. El que éstos sean humanos implica, a su vez, que se trata de hechos valiosos. Pero ello no compromete en absoluto las exigencias de un estudio objetivo e racional. La ética estudia una forma de conducta humana que los hombres consideran valiosa y, además obligatoria y debida. Pero nada de eso altera en absoluto la verdad de que la ética tiene que dar razón de un aspecto real, efectivo, del comportamiento de los hombres (VÁZQUEZ, 1984).

Assim, parece-nos que o vértice do gesto emana dos acontecimentos vividos pelo homem humano, ao mesmo tempo em que os funda. Ao debruçar-nos sobre a complexidade destes vetores, estamos, necessariamente, construindo questões para serem pensadas em torno da ética como um modo de ser.

E neste modo de ser e de habitar o mundo contemporâneo, trazemos ao palco-texto uma contribuição que julgamos indispensável, embora breve: a imensidão do mundo dos gestos tomada por Kafka, a partir de Benjamin (1934/2012). Para aquele, no teatro do mundo, o gesto permanecia como elemento decisivo, o centro da ação e cada um seria um acontecimento em si. Com isso,

podemos lançar um questionamento sobre a estreita ligação entre acontecimento, gesto e ética. E isso, indiscutivelmente, torna-se um convite à poesia!

Como nos diz o poeta Manoel de Barros, no poema *Sabiá com Trevas*, em seu livro *Arranjos para Assobio*:

-Quem é sua poesia?
-Os nervos do entulho, como disse o poeta
Português José Gomes Ferreira
Um menino que obrava atrás de Cuiabá também
Mel de ostras
Palavras caídas no espinheiro parecem ser (para mim
é muito importante que algumas palavras saiam
tintas de espinheiro).

-Difícil de entender, me dizem, é sua poesia, o senhor concorda?
-Para entender nós temos dois caminhos: o da sensibilidade que é
o entendimento do corpo; e o da inteligência que é o entendimento
do espírito.
Eu escrevo com o corpo
Poesia não é para compreender mas para incorporar
Entender é parede: procure ser uma árvore (BARROS, 2010, p. 178).

Levando em conta a polissemia inefável do poema, escolhemos algumas metáforas para pensá-lo. O poeta inverte a ordem da sintaxe, oferecendo ao leitor o deleite de brincar com as imagens, imagens-palavras, e se deixar tocar por elas. Possibilita que este mesmo leitor se encontre com as suas memórias arcaicas, que são aquelas as quais vivemos na infância. As palavras caídas no espinheiro, essa árvore de beleza extasiante, colorem o olhar do poeta que, ao ser contagiado e encontrado pelas palavras, quer dar encantamento aos seus leitores. Essas palavras caídas que parecem “ser”, além de terem uma existência, tornam-se tintas de espinheiro, que são a matéria-prima que tingirá a sua escrita.

Ao meter a mão na massa da escrita, no estado bruto e barroso das imagens, Manoel de Barros parece convidar-nos a imergir nessa matéria de poesia que é o sentir e o cotidiano, a natureza, mas também o devaneio, como o obrar do menino, que produz mel de ostras. Nesse caminho da sensibilidade e de uma escrita corporal, ele nos lança no campo fértil e potente da imaginação, que abre janelas para um encontro com o mundo e com o outro. Ao falar de incorporação como entendimento, deixa de fora a razão e convoca o estésico em si para poder se expressar, oferecendo-se a essa experiência de afetação na qual consiste em captar

o mundo pelos sentidos. Afinal, não é isto o que nos define como humanos? O que configura realidade à nossa existência? Seremos afetados pela alteridade?

Manoel de Barros nos conduz a correr o rio da vida, como homem pantaneiro que é, e quase em tom prescritivo, faz-nos enxergar que é empobrecedor entender, é parede. Lisa, gelada, branca, opaca, vazia. Sugere que sejamos árvore. Que sejamos coloridos. Que procuremos ser árvore. Deforma a imagem e o sentido surrado da árvore, o significado ecológico da árvore e transforma-o em objeto pódico. Árvore é vida, é abertura, é movimento, é erótica, é experiência. É relação. Faz brotar a seiva do humano. É morada. É morada humana.

PO-ÉTICA DO GESTO

No rastro das discussões mais profícuas, a poesia parece se encontrar com a ética no que tange ao humano. Ambas se imbricam e vetorizam uma força que pulsa em direção ao centro do oxigênio do pensamento, que parece ser o sentir como fonte dessa respiração.

Além de saciar a fome, precisamos de amor. Precisamos de alimentos afetivos que nutram a nossa existência e aplaquem, provisoriamente, nossas angústias mais primitivas, que vibram, desatinadamente, até encontrar acolhimento, proteção e alegria.

Neste instante, imprimimos relevo a uma experiência. Com base em uma conversa com um colega e filósofo, surgiu a referência de um texto de Giorgio Agamben, em que ele fala sobre o gesto. No seu livro, *Profanações* (2007), este crítico da cultura trabalha, num curto capítulo chamado “O autor como gesto”, o célebre texto de Foucault, “O que é um autor?”. Problematiza a função-autor e o tema da subjetividade e da ética e de uma ideia muito cara à poesia e à escrita: pensar sobre o que significa para uma vida pôr-se ou ser posta em jogo.

De acordo com o pensador italiano:

Ética não é a vida que simplesmente se submete à lei moral, mas a que aceita, irrevogavelmente e sem reservas, pôr-se em jogo nos seus gestos. Mesmo correndo o risco de que, dessa maneira, venham a ser decididas, de uma vez por todas, a sua felicidade e a sua infelicidade (AGAMBEN, 2007, p. 54).

Jogar-se no texto é assumir o risco calculado do “ainda não”, tentando fazer borda ao possível do escrever como gesto. De um gesto que se caracteriza pelo tom da intimidade. De uma motivação espontânea em direção ao outro. De algo que genuinamente se oferece desde um eu verdadeiro e singular.

Faz-se imprescindível mencionar que este trabalho se insere numa dada temporalidade marcada pelo limite do tempo. Da sala de um apartamento em Copacabana, no Rio de Janeiro, escrevemos correndo contra *Chronos* e a favor do cansaço de um corpo que resiste. Hesita. Quase esmorece. Alimentada pelo cuidado de um “amigo-treinador, que também se torna “treinador-amigo”, ganha-se fôlego e confiança para não desistir do ato de escrever. Dicas, textos, links, artigos e um “cuide-se” nutrem o imaginário e as mãos, reabastecendo as conexões neuronais que se encontram parcas, devido a um exaustivo tempo de trabalho.

Seguimos. No palmilhar dos passos rumo ao escrever, percebe-se a robustez no existir e no habitar a vida, nas trocas, com os amigos, e nas aprendizagens. É possível sentir-se crescida a cada encontro, a cada novo desafio e, com isso, ousamos dizer que há um jogar-se na vida. Há um trânsito entre os gestos legíveis e os incompreensíveis, de uma comunidade de pesquisadores que investigam o tema da ética, e que, nas quintas-feiras e no que se estende a elas, no *facebook* e nos e-mails, permite um sentir-se pertencendo a algo muito especial.

Derramam-se algumas lágrimas, porque a exaustão se mistura à emoção. Secam-se as mãos ao longo do corpo e respira-se. Volta-se à escrita. Como diz o filósofo:

Por isso o autor nada pode fazer além de continuar, na obra, não realizado e não dito. Ele é o ilegível que torna possível a leitura, o vazio lendário de que procedem a escritura e o discurso. O gesto do autor é atestado na obra a que também dá vida, como uma presença incongruente e estranha, exatamente como, segundo os teóricos da comédia de arte, a trapaça de Arlequim incessantemente interrompe a história que se desenrola na cena, desfazendo obstinadamente sua trama (AGAMBEN, 2007, p. 55).

Na vibração do passo a passo da escrita, segue-se. E vislumbra-se um encontro. Quando um gesto pode ser espontâneo, algo do criativo efunde. Lançamos a refletir sobre o fato de que o impulso criativo emerge da conjugação de um bom encontro no início da vida emocional de cada um. De momentos sincrônicos e sintônicos entre mãe e bebê (WINNICOTT, 2006). Então, de uma sincronicidade de

ritmos e de tempos, nasce uma sinfonia. Há uma generosidade no gesto materno de deixar o bebê humano se expressar e acompanhar o seu tempo. Sabe-se que o humano no homem, ao encontrar abrigo, responde a uma prosódia. Dá continuidade a ela. Segue querendo cantar, narrar e compartilhar.

É dessa prosódia e desses bons encontros que vão se fundando as origens do sujeito. Os alicerces para uma vida e para o que há de mais importante no viver de alguém: a capacidade de sonhar e de investir os afetos e as relações. E isso, claro, com uma pitada marcante de encantamento. A ética desvela-se numa poética.

É nesta atmosfera que invocamos Bachelard ao texto. A partir do seu escrito, *A casa natal e a casa onírica (1948/1990)*, iremos incursionar nos mistérios e na intimidade de uma casa habitada por imagens simbólicas e por reminiscências. A casa onírica da infância.

Para o pensador:

No trajeto que nos leva de volta às origens, há primeiramente o caminho que nos restitui à infância, à nossa infância sonhadora que desejava imagens, que desejava símbolos para duplicar a realidade. A realidade materna foi multiplicada imediatamente por todas as imagens de intimidade. A poesia da casa retoma esse trabalho, reanima intimidades e recobra a grande segurança de uma filosofia do repouso (BACHELARD, 1948/1990, p. 94).

O filósofo ressalta que as escadas são lembranças imperecíveis (BACHELARD, 1948/1990). Para acessá-las, é preciso que na nossa infância, alguém tenha nos dado essa condição de termos ficado minimamente sós. Um pouco de solidão é fundamental para podermos nos pensar. E o mais interessante disso, e paradoxal, é que essa solidão, protegida pelos pais, é que vai nos favorecer experimentar nos sentirmos abrigados.

Como nos diz o fenomenólogo:

Assim, uma casa onírica é uma *imagem* que, na lembrança e nos sonhos, se torna uma força de proteção. Não é um simples cenário onde a memória reencontra suas imagens. Ainda gostamos de viver na casa que já não existe, porque nela revivermos, muitas vezes, sem nos dar conta, uma dinâmica de reconforto ainda. Ela nos protegeu, logo, ela nos reconforta ainda. O ato de *habitar* reveste-se de valores inconscientes que o inconsciente não esquece (BACHELARD, 1948/1990, p. 92).

É chegada a hora de estacionar um pouco o texto. Deixá-lo descansar, como um pão que precisa ficar de lado para poder crescer. Necessitamos sair um pouco e seguir extraindo da vida os elementos que faltam à escrita. A partir de uma dada experiência num bairro cultural da cidade carioca, Santa Teresa, no encantador Parque das Ruínas, assistimos a uma peça de teatro intitulada “Alma Imoral”², inspirada na obra homônima do rabino Nilton Bonder.

Ao retornar para o apartamento, liga-se o computador e não se consegue parar de pensar no brilho do olho da atriz, na sua arte, no seu talento e na genuinidade do seu ser. Clarice Niskier flutuou através da sua narrativa e da sua entrega. Joga-se no palco, na história e se rende ao mais humano do seu ser. Ao mais verdadeiro de sua humanidade. Evidencia uma segurança e uma sensibilidade que apreendem a atenção e a sensibilidade da plateia. Desnuda-se num gesto espontâneo. E esse gesto vira acontecimento. E dele se extrai poesia. Um modo de ser que convoca a platéia do teatro do mundo a ser. Como acontecimento e como drama, e como fazia Kafka, transforma um gesto tradicional em gesto pó-ético, configurando a peça e o existir daquele instante em temas de reflexões intermináveis, como aponta Benjamin (1934/2012).

O “roteiro” da peça versa sobre contos de tradição oral da cultura judaica. Clarice apresenta a sinopse e logo se senta para desfiar os fios de seu monólogo. Surpreende, encanta, emociona. Informa que fará repetições de sua fala na peça.

“Há solidão mais triste do que a ausência de si? Há solidão mais triste do que a ausência de si?”

O trilhar de um caminho se anuncia pela marcha incessante de nossos passos e pela persistência em percorrer a estrada que sempre leva a algum destino que nos lembrará as origens! Clarice abriu portas, incendiou afetos e desembotou sentimentos. Responde com coragem e determinação aos apelos da vida, porque consegue se revelar múltipla com sua atuação no palco. E lembrou que quando não usamos todo o nosso potencial, estamos também desperdiçando o potencial de todos os outros. E pensar nesta reflexão é mergulhar no oceano da ética.

Conforme Agamben:

²Cf. BONDER, Nilton. *A Alma Imoral*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2008. Peça teatral - Adaptação de Nilton Bonder e Clarice Niskier. In: <http://www.almaimoral.com/>. Acesso em: 06 de março de 2014.

Há, de fato, algo que o homem é e tem de ser, mas este algo não é uma essência, não é propriamente uma coisa: é o simples facto da sua própria existência como possibilidade ou potência. Mas é justamente por isso que tudo se complica, que a ética se torna efectiva. Uma vez que o ser mais próprio do homem é o de ser a sua própria possibilidade ou potência, então, e apenas por isso (na medida em que seu ser mais próprio, sendo potência, num certo sentido falta-lhe, pode não ser, é pois privado de fundo e não está sempre na posse do ser), ele está e sente-se em dívida (AGAMBEN, 1993, p. 38-39).

É indiscutível quando a exuberância do ser revela a verdade do si mesmo a si e aos outros. A exuberância da verdade de um ser. De um eu que pode se desnudar, sem tantas camuflagens defensivas. Um eu da genuinidade.

Voltando ao teatro, a poesia e a ética habitaram aquele lugar sagrado. Na verdade, parecem ter fabricado aquele momento. Criação e pertença. Indizibilidade. Silêncios compartilhados. Convite a um pensar-se aprofundado. Um pensar ético e pó-ético.

Como nos diz Pereira (2013), se toda a esfera do humano pudesse ter uma “reserva de sentido”, considerando as práticas e compreensões dominantes, a linguagem do corpo também é lugar especial para a ambigüidade, o implícito e a multiplicidade de sentido.

Sentimo-nos desafiadas a esse pensar. Trabalhar internamente a ideia da pó-ética do gesto significa, dentre muitos aspectos, poder oferecer um olhar voltado para o afetivo e o coletivo. Igualmente, para a força da tradição e da alteridade, que são elementos essenciais para que um comum possa ser compartilhado e possa promover a humanidade do homem.

Por sua vez, como lidar com isso em tempos atuais? De um esfacelamento exponencial referente à impossibilidade constante de uma condição de partilha vivida na comunidade humana? De uma dificuldade de ver as pessoas efetivamente tendo experiências que sejam registradas e significadas? Sobretudo, compartilhadas e transmitidas?

Neste ponto do texto, é preciso fazer um nó. Fixar as ideias, temporariamente, na tentativa de articulá-las. Ainda com Agamben, entendemos que se faz pertinente tentar expandir um pouco mais nosso argumento, tendo em vista que abordar o singular do humano não é tarefa fácil.

O filósofo sugere uma pista preciosa: “A ética só começa no lugar preciso em que o bem se revela como uma apreensão do mal e em que o autêntico e o próprio

revelam ter o inautêntico e o impróprio como conteúdos exclusivos” (AGAMBEN, 1993, p. 18).

APONTAMENTOS FINAIS

Ao longo da escrita, propomo-nos a desenvolver um tema que apaixona e que congrega, de algum modo, o que os encontros ao longo de um percurso de estudo evocaram. Estreitar laços, para assim, tornar largo o pensamento.

Em se tratando de origens e raízes, é indispensável falar em sementes. Bachelard nos diz que, de um modo geral, cortar um fruto, uma semente, uma amêndoa, é preparar-se para sonhar um universo. Segundo ele: “Todo germe de ser é germe de sonhos” (BACHELARD, 1948/1990, p. 25).

A poética, o gesto, o imaginário e a ética permitem vislumbrar um arranjo em que o homem está no meio. Assim, é necessário manter vivo o compromisso de abrir uma fenda, para que a semente do sonhar possa encontrar espaço amplo para vigorar. Os momentos po-éticos têm esse poder seminal. Transformador. Favorecem que nos recordemos de uma passagem de Hans Carossa (apud BACHELARD, 1948/1990): “O homem é a única criatura da terra que tem vontade de olhar para o interior da outra”.

Que a gente siga se olhando!

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **A comunidade que vem**. Editorial Presença: Portugal, 1993.

_____. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

BACHELARD, Gastón. **A terra e os devaneios do repouso**. São Paulo: Martins Fontes, 1948/1990.

BARROS, Manoel. Arranjos para Assobio. In: **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BONDER, Nilton. **A Alma Imoral**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2008. Peça teatral. Adaptação de Nilton Bonder e Clarice Niskier. In: <<http://www.almaimoral.com>>. Acesso em 28 de fevereiro de 2014.

PEREIRA, Moema Vilela. Poesia e gestualidade: campos privilegiados do simbólico na literatura. In: Mello, Ana Maria Lisboa de; Martins, Anna Faedrich; Negreiros, Estevan de. (Orgs.). **Tessituras do Imaginário Poético**. Ensaios de Poesia Moderna. Porto Alegre: Edipucrs, 2013.

SOUZA, Ricardo Timm de. **Justiça em seus termos**: dignidade humana, dignidade do mundo. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2010.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Editorial Crítica. Grupo Editorial Grijalbo: Barcelona, 1984.

WINNICOTT, Donald Woods. **O gesto espontâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Artigo recebido em: 06/03/2014

Artigo aprovado em: 23/04/2014